

Estou me guardando para quando o carnaval chegar: reflexões transdisciplinares sobre tempo, trabalho e festa no capitalismo 24/7¹

Waiting for the carnival: transdisciplinary reflections about time, work and party on the 24/7 capitalism

Raquel Assunção Oliveira*

RESUMO: Este artigo busca investigar as dinâmicas do trabalho contemporâneo a partir das reflexões despertadas pelo documentário brasileiro *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019), gravado na cidade de Toritama/PE, apelidada de Capital do Jeans, dado o seu destaque na produção têxtil brasileira. Para tanto, e buscando uma abordagem transdisciplinar dos saberes, serão importantes as contribuições, dentre outros autores, de pensadores como o filósofo Byung Chul-Han, com suas reflexões sobre a atual Sociedade do Cansaço dentro de um macrocontexto psicopolítico; da pesquisadora Fernanda Bruno, no que concerne à vigilância palinóptica; do sociólogo Ricardo Antunes, no que diz respeito à realidade brasileira das atuais relações trabalhistas; e do crítico Jonathan Crary, em seu trabalho sobre o sono e a vigília no capitalismo 24/7. Ao fim, reflete-se acerca da festa enquanto estratégia para encantar e adiar o fim do mundo, seguindo as pistas de Luiz Simas e Ailton Krenak.

Palavras-chave: Cinema; Filosofia; Relações de Trabalho.

ABSTRACT: This article seeks to investigate the dynamics of contemporary work by exploring the reflections aroused on the Brazilian documentary *Waiting for the Carnival* (2019), directed and scripted by Marcelo Gomes and recorded in the city of Toritama/PE, nicknamed Capital of Jeans, given its prominence in the Brazilian textile production. Therefore, and aiming a transdisciplinary approach to knowledge, the contributions of, among other authors, thinkers such as the philosopher Byung Chul-Han, with his reflections on the current Burnout Society within a psychopolitical macro context, will be important; the researcher Fernanda Bruno, with regard to palinoptic surveillance; sociologist Ricardo Antunes, with regard to the Brazilian reality of current labor relations; and critic Jonathan Crary, in his work on sleep and wakefulness in 24/7 capitalism. At the end, it reflects on the party as a strategy to enchant and postpone the end of the world, following the leads of Luiz Simas and Ailton Krenak.

Keywords: Cinema; Philosophy; Work Relations.

Introdução

Este trabalho parte de uma perspectiva transdisciplinar do pensar científico, ou melhor, de um entendimento da ciência enquanto espaço fértil para o diálogo entre os mais variados campos do saber. Nesse sentido, entende-se que transdisciplinarizar saberes é também “correr riscos e algumas dificuldades, dado o esforço em pesquisar/estudar sob um solo movediço e demasiadamente incerto” (BEZERRA, 2019, p. 125). Tal visão híbrida reside na raiz mesma do fazer científico, aqui entendido como dialógico e indissociável dos saberes empíricos, míticos,

¹ Esta pesquisa não recebeu financiamento.

* Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da UFRN. Mestre em Comunicação pela UFPE (PPGCOM). Professora Substituta no Departamento de Comunicação (Decom) da UFRN. E-mail: assuncaoraqueloliveira@gmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9876-7151>

filosóficos e artísticos, por exemplo (AUTOR, 2018). Parte-se, pois, de um entendimento de que a ciência é fruto do conflito, estando “impelida e agitada por forças antitéticas que, na realidade, vitalizam-na” (MORIN, 2019, p. 53). Sendo assim, é precisamente a partir do atrito entre os pensamentos e conceitos articulados por pesquisadores de áreas distintas que fertilizam-se novos saberes.

Para esta pesquisa, vêm à dança perspectivas de diferentes campos das Ciências Humanas, tais como a Comunicação, A Filosofia, a História e as Ciências Sociais, fornecendo múltiplas lentes para a investigação do longa-metragem *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019), dirigido e roteirizado pelo brasileiro Marcelo Gomes, nome já reconhecido na cena cinematográfica brasileira por trabalhos como *Cinema, aspirina e urubus* (2005) e *Viajo porque preciso, volto porque te amo* (2010), por exemplo — este último em codireção com Karim Aïnouz. O filme foi produzido por João Vieira Júnior e Nara Galvão; foi exibido, dentre vários festivais, na mostra Panorama de Berlimale de 2019, foi reconhecido com menção honrosa na 24ª edição do Festival Internacional de Documentários É Tudo Verdade (COUTO, 2019) e, atualmente, está sendo distribuído também pela Netflix.

Nesse percurso, serão fundamentais as contribuições de Byung-Chul Han, a partir das reflexões apresentadas pelo autor em obras como *Sociedade do Cansaço* (2017) e *Psicopolítica* (2018), em diálogo com os trabalhos de Michel Foucault (2014), Fernanda Bruno (2013), Paula Sibília (2019) e Zygmunt Bauman (2014). Em seu trabalho, de forte teor ensaístico, o pensador sul-coreano busca qualificar a sociedade contemporânea a partir de suas características de valorização da positividade, de vigilância pós-panóptica e enquanto catalisadora de forte fadiga psíquica, refletida especialmente a partir do constante aumento dos quadros de adoecimento físico-psíquico (ANTUNES, 2020).

No que concerne à mencionada vigilância contemporânea, serão ainda fundamentais as contribuições do crítico de arte Jonathan Crary, reconhecido ensaísta nos estudos sobre imagem e a historicidade do olhar na cultura ocidental. Para a especificidade deste artigo, a atenção será voltada aos debates de Crary trazidos em sua obra *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono* (2016). Também importantes serão as contribuições do cientista social Ricardo Antunes (2020) acerca da informalidade e precarização do trabalho, e do historiador Luiz Simas (2018; 2020) em sua defesa de uma política de vida que parta do encantamento (SIMAS; RUFINO, 2020), em diálogo com as proposições do filósofo e líder indígena Ailton Krenak (2019).

Todos esses autores serão mobilizados criticamente para a reflexão acerca de questões relacionadas ao trabalho, ao tempo e à festa, esta última representada pelo Carnaval e aqui entendida aqui como *fresta*, como brecha, enquanto promotora de um espaço de negatividade necessário em meio à nossa atual sociedade da positividade, ou melhor, represa de uma temporalidade que se mostra totalmente distinta daquela da linha do tempo progressista e linear do labor.

Enquanto o carnaval não vem

O documentário dirigido por Marcelo Gomes tem seu título retirado de um verso da música *Quando o carnaval chegar*, composta por Chico Buarque de Holanda e lançada em 1972 no álbum homônimo (BUARQUE; BETHÂNIA; LEÃO, 1972). Na canção, é com uma alegria ao mesmo tempo melancólica e compassada que o cantor diz que irá resguardar seu corpo, seu desejo e sua revolta para serem extravasados apenas no Carnaval, festa-ritual de origem Antiga que atravessou tempos e continentes, sendo remodelada até hoje. No Brasil, uma de suas particulari-

dades é a rica e notória influência das religiões de matriz africana, o que pode ser ilustrado pelo ritmo dos ijexás incorporado pelos afoxés baianos a partir do século XIX (SIMAS, 2018, p. 60).

Apesar do Carnaval estar literalmente presente desde o título do filme, ele ocupa-se especialmente dos 360 dias que o antecede. Isso porque — e apenas a princípio — o que o diretor propõe em seu longa-metragem é uma investigação acerca do trabalho em Toritama: cidade do agreste de Pernambuco que carrega a alcunha de Capital do Jeans por ter na produção e comércio de peças de vestuário em jeans a sua principal atividade econômica. De acordo com o Estudo Econômico das Indústrias de Confeções de Toritama/PE, o município “concentra mais de 3 mil empresas de confeções e mais de 50 lavanderias industriais, de onde saem aproximadamente 15% da produção nacional de confeções em jeans, cerca de 60 milhões de peças por ano” (SEBRAE, 2019, p. 28).

No entanto, a história é contada não apenas a partir dos números, mas especialmente com o suporte dos relatos daqueles que trabalham diretamente com a indústria de confecção do jeans na cidade, intercalando entrevistas e depoimentos dos trabalhadores e trabalhadoras acerca dos seus sonhos e experiências de trabalho com imagens das máquinas em ação. Não somente com as imagens, mas também com os sons — e este último, vale salientar, ocupa um papel central no filme, sendo sobre ele que repousa boa parte das memórias do diretor-locutor do filme.

Isso porque, em contraste com a Toritama pacata das suas memórias de viagem de infância, a atual paisagem sonora da cidade é recheada dos constantes ruídos dos carros e das máquinas — estas últimas, no que carregam de repetitivo e coreografado, sendo fortemente exploradas pelo filme em combinação com outros sons eletrônicos. “Na minha memória, Toritama era uma cidade que tinha outra velocidade. Às oito da manhã quase não se tinha movimento da rua”, diz Marcelo Gomes em locução off.

Em outro momento, enquanto filma mãos laboriosas operando as máquinas de costura, observa: “O balé das mãos se move no compasso da música”. Hoje, boa parte das casas de Toritama transformaram-se ou abrigam galpões, pequenas fábricas familiares “de fundo de quintal”, chamadas de “facções”, em que os trabalhadores laboram sem vínculos formais, temática que será aprofundada nas próximas seções.

Sociedade do Cansaço: psicopolítica, vigilância 24/7 e adoecimento psíquico

Em Sociedade do Cansaço, o filósofo coreano Byung-Chul Han (2017) caracteriza a atual sociedade como sendo do desempenho. Ao contrário da anterior, a disciplinar, amplamente investigada por filósofos como Michel Foucault e Hannah Arendt, a sociedade do desempenho contemporânea é fruto e causa de uma época neuronal, portanto não mais explicada pela existência de uma alteridade, de um outro a ser combatido. Na sociedade do desempenho, a violência é inerente ao sistema. Sistema esse marcado pelo excesso de positividade, pelos *melhoramentos cognitivos* e pela valorização do sujeito *chefe de si mesmo*: vítima e algoz ao mesmo tempo. Nesse cenário, “o sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência” (HAN, 2017, p. 25)

Na chamada Sociedade do Cansaço, em que se torna mais difícil ter o que ou quem culpar pelo fracasso de produtividade, adoecimentos neuronais como TDAH, depressão e Síndrome de *Burnout* tornam-se os grandes sintomas do nosso tempo. Em vez de loucos e delinquentes, a sociedade contemporânea contribui para a produção de depressivos e fracassados, sujeitos que colap-

sam sob os excessos de estímulos e pela supervalorização do *multitasking* — esta última uma habilidade muito mais animal do que verdadeiramente humana, numa leitura feita pelo autor a partir de pensadores como Walter Benjamin e Nietzsche, para os quais o tédio e a contemplação são fundamentais para o processo criativo e, em última instância, para uma vida realmente livre, em que viver não pode ser ser sinônimo de sobreviver.

Acerca do esgotamento psíquico enquanto sintoma da sociedade contemporânea do desempenho, vale destacar o depoimento de Dior, empresário de Toritama que trabalha com a venda e revenda de máquinas de costura e outros equipamentos. Questionado pelo diretor do filme sobre já ter tido algum problema de saúde por conta do excesso de trabalho, ele responde — enquanto envia áudios no WhatsApp, atende ligações e recebe clientes — que “Já. O estresse é tão grande que eu já cheguei a desmaiar, já”. E complementa: “Tem hora que é loucura, viu? Ou você desliga o telefone, ou você então vai para um canto isolado que não dá área”.

Imagem 01: Dior em sua loja, ouvindo e respondendo mensagens.

Figure 01: Dior in his store, listening and answering to messages.



Fonte: ESTOU (2019).

Source: ESTOU (2019).

Na sua loja, o fluxo de pessoas em busca de negociar seus bens multiplica-se nos dias que antecedem o Carnaval, sobretudo com clientes interessados em vender equipamentos, móveis e eletrodomésticos. “Bate um certo desespero no povo, quando vê o povo indo embora”. Em relação à roda intermitente de trabalho:

A coação de desempenho força-o a produzir cada vez mais. Assim, jamais alcança um ponto de repouso da gratificação. Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. E visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir. Sofre um colapso psíquico, que se chama de *Burnout* (esgotamento). O sujeito do desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui, coincidem-se. (HAN, 2017, p. 85-86)

Quando levamos em conta a realidade dos trabalhadores que lidam diretamente com o maquinário das lavanderias, tinturarias e demais etapas da indústria têxtil, a precarização do trabalho se torna ainda mais evidente, tendo na terceirização seu fio condutor. Aqueles que trabalham como terceirizados, “além de ganhar menos, trabalhar mais, ter mais instabilidade e menos direi-

tos, são os que mais morrem e se acidentam. Tais vulnerabilidades de saúde e maior exposição aos riscos decorrem exatamente dessa condição mais precária de trabalho.” (ANTUNES, 2020, p. 163). No longa, por exemplo, é recorrente vermos os trabalhadores laborando sem todos os equipamentos de segurança necessários, tais como luvas de proteção, sapatos fechados, máscaras e protetor auricular.

Para o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2018), estaríamos diante não mais de um *biopoder*, conforme dissertou Foucault acerca da Modernidade. Quer dizer, não vivemos mais sob um poder soberano de vida e de morte — e é inevitável aqui não pensar também na noção de *necropolítica*, ou seja, de um entendimento da soberania enquanto controle da mortalidade dos indivíduos (MBEMBE, 2018) —, mas de um *psicopoder*, em que “o poder de [vida e de] morte do soberano dá lugar a uma administração e a um controle zelosos da população” (HAN, 2018, p. 129), onde “todos observam e vigiam a todos” (ibidem, p. 124).

Tal modo de estruturar a vigilância tem no dispositivo² palinóptico seu principal veículo. Por palinóptico, entende-se o neologismo elaborado pela pesquisadora Fernanda Bruno (2013): um jogo com o prefixo grego *palin*, que indica retorno e sentido inverso, dando nome a um modelo em que “muitos vigiam muitos”, nem panóptico (poucos vigiam muitos), nem sinóptico (muitos vigiam poucos) (BRUNO, 2013, p. 47). Tal dispositivo deságua em mecanismos de coleta, classificação e registro que lhe são próprios, resultando em práticas de subjetividade específicas à contemporaneidade, movedoras de regimes escópicos (modos de organização do ver e do ser visto) e informacionais (modos de coleta e arquivamento de dados) particulares (BRUNO, 2013, p. 14).

Para Bruno (2013), o dispositivo palinóptico insere-se na lógica de uma Vigilância Distribuída, que, diferente da Vigilância Moderna, cuja materialização pode ser localizada no panóptico de Bentham (FOUCAULT, 2014, p. 194) — modelo de tecnologia política e também do olhar em que poucos vigiam muitos — é marcada por, dentre vários fatores, uma vigilância descentralizada, não hierarquizada, inscrita nos próprios mecanismos dos dispositivos tecnológicos, cada vez mais delegada a sistemas técnicos automatizados e embaralhada nos circuitos de prazer e entretenimento (BRUNO, 2013, p. 28-36). No contexto informal de Toritama, vale a pena observar que o “vigia” é torna-se o próprio indivíduo, ou melhor, está materializado no dinheiro, na medida em que é exatamente a meta pessoal de lucro que dita o ritmo de trabalho de cada um.

De outro modo, mas ainda em diálogo com Foucault, Gilles Deleuze (2013) apresenta, em um curto e instigante ensaio, a noção de uma “sociedade de controle” em contraste com as “sociedades de soberania” e as “sociedades disciplinares”, cuja transição ocorreu durante o período napoleônico. Nas sociedades de soberania, o que havia era sobretudo uma decisão sobre o direito de morte. Nas sociedades disciplinares, marca dos séculos XVIII ao XX, o que as caracterizam são os meios de confinamento — família, escola, hospital, fábrica e, especialmente, o sistema prisional. Sobre este último, vale a pena lembrar os papéis que privação de sono, em particular, e as estratégias de controle sensorial, em geral, exercem até hoje como formas de tortura (CRARY, 2016).

De maneira diversa a esses dois cenários — de soberania e de controle —, nas sociedades

² Para Foucault, “um dispositivo comporta três traços centrais: um conjunto de elementos heterogêneos; uma função estratégica; jogos e formações de poder e saber” (FOUCAULT apud BRUNO, 2013, p. 19). Para Agamben, para além das prisões e disciplinas, por exemplo, espaços nos quais a relação com o poder se torna mais evidente, dispositivo diz respeito a “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (AGAMBEN, 2009, p. 40).

de controle são as empresas (e não mais as fábricas, por exemplo) seus grandes representantes, assim como são as senhas, e não mais o par massificante-individuante das assinaturas e números de matrículas, que conferem ou não acesso à informação. Nessa transição,

abriu-se o horizonte para a implantação de um tipo de controle descentralizado, embora bem mais sutil e eficaz, que opera em todo momento e lugar, além de se exercer em todas as direções e em fluxo constante, graças à espantosa ubiquidade dos dispositivos digitais de comunicação e informação. Essa eficácia se deve, em boa medida, ao fato de que o uso desses dispositivos é voluntário, e não obrigatório, embora seja estimulado em sintonia com as poderosas promessas de felicidade que hoje nos enfeitam. (...) Em síntese, trata-se de um poder extremamente ágil e com uma eficiência inédita, distribuído pela totalidade do tecido social, como Deleuze vislumbrou com tanta perspicácia há três décadas (SIBILIA, 2019, p. 209).

É debatendo acerca da questão da vigilância que Zygmunt Bauman, entrevistado por David Lyon, apresenta a noção de um pós-pan-óptico: o verdadeiro dispositivo da vigilância contemporânea, em que coexiste com o já debatido panóptico — agora exclusivamente aparato de vigilância de uma minoria social menos favorecida economicamente (BAUMAN; LYON, 2014, p. 63) —, a autovigilância, na qual, “tal como os caramujos transportam suas casas, os empregados do admirável novo mundo líquido moderno precisam crescer e transportar sobre os próprios corpos seus panópticos pessoais” (ibidem, p. 56). Um modo de servidão voluntária, presente 24/7, em que coexistem tanto “as unidades de duração convencionais e antigas (‘horário comercial’ ou ‘de segunda a sexta’), mas a elas se sobrepõem todas as práticas de administração do tempo individual possibilitadas por redes e mercados 26]4/7” (CRARY, 2016, p. 65).

“Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se então “dividuais”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou ‘bancos’.” (DELEUZE, 2013, p. 226). Menos uma massa e mais um enxame digital que, como tal, é composto por “indivíduos singularizados” (HAN, 2018, p. 27). Isso nos leva à particularidade de Toritama, e nos faz refletir acerca do fato de que o que é valorizado é exatamente a possibilidade de cada um traçar suas próprias metas, entrando e saindo do trabalho nos horários que preferem, não respondendo a um(a) chefe. Tal demarcação é importante e se faz necessária exatamente para não cairmos na armadilha de uma avaliação vitimista dos trabalhadores da região.

Nesse cenário, em que nos vemos “sequestrados pelos relógios, confinados em blindagens cognitivas, viciados nos celulares, curvados e de cabeças baixas para mirar as telas, estamos nos esquecendo de olhar os céus e entender o recado das pipas coloridas” (SIMAS, 2020, p. 63), a menção ao *olhar o céu* nos faz lembrar do entrevistado Seu João, que, em Toritama, segue lendo as nuvens e os ventos para decifrar o clima e prever as chuvas. Diferente da maioria dos trabalhadores do centro urbano da cidade, e que, no documentário, só pararam o serviço nas máquinas quando houve uma queda de energia, Seu João *reverencia* o tempo.

Entre ambos — os trabalhadores em geral e o Seu João, aqui entendido como representante de uma tradição rural do agreste pernambucano — está Leonardo, personagem que aparece pela primeira vez no documentário exatamente por estar *dormindo* na sua facção durante o horário de serviço. Léo é um trabalhador qualificado, elogiado pelo seu superior, e torna-se um verdadeiro protagonista no filme, em parte por seu carisma e lucidez ao questionar as dinâmicas trabalhistas nas quais se insere, ainda que não consiga se desvencilhar totalmente dela. Em um dado momento, ele faz uma pergunta retórica: “Qual é a melhor profissão do mundo? É nunca trabalhar para ninguém. Trabalhe só.”.

“Meu nome é trabalho e meu apelido é Hora Extra”

A cadeia produtiva do jeans é complexa e envolve múltiplas etapas, das mais manuais às mais automatizadas. Engloba serviços de corte, lavanderia, uso de químicos, aplicação de acessórios, costura de botões, zíperes e demais acabamentos. Em Toritama, é composta tanto por empreendimentos que adquirem seus próprios insumos, como também (e em sua maioria) por prestadores de serviços para a indústria do vestuário, cujo trabalho é predominantemente realizado de maneira informal, marcado pela forte precarização das relações trabalhistas (SEBRAE, 2019, p. 9 e p. 28). Por precarização do mercado de trabalho, e levando em conta as particularidades do contexto brasileiro, entende-se:

uma condição de heterogeneidade e segmentação, marcada por uma vulnerabilidade estrutural que se reconfigura, com formas de inserção (contratos) precárias, sem proteção social, com salários mais baixos, presentes na terceirização de modo exemplar e cujo crescimento exponencial pode ser observado em diferentes segmentos da classe trabalhadora. (ANTUNES, 2020, p. 161).

Esse cenário é, na verdade, envolvido pelo macrocenário capitalista investigado e apresentado pelo crítico de arte Jonathan Crary como sendo 24/7. Tal denominação faz alusão às maneiras pelas quais existimos na contemporaneidade: presentes e disponíveis 24 horas por dia e 7 dias por semana, ou seja, intermitentemente, com nossas múltiplas presenças digitalmente visíveis e consultáveis mesmo nos momentos em que estamos dormindo. Uma “temporalidade impossível” (CRARY, 2016, p. 39).

Há, com isso, a conquista da última barreira, até então não ultrapassada: o sono, uma das poucas experiências que nos restam de abandono (ibidem, p. 84). Hoje, não mais apenas na vigília, mas também nos momentos de descanso, seguimos existindo e sendo monitorados. O sono foi escrutinado, destruído e, associado à improdutividade, tornou-se o pesadelo dos dias atuais. Nesse sentido, torna-se emblemática as descrições de Crary acerca das recentes pesquisas científicas financiadas pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos sobre o pardal de coroa branca, espécie de ave migratória que consegue permanecer até sete dias acordada. Essas pesquisas estariam motivadas por um interesse em encontrar maneiras de manter soldados acordados por mais tempo em contexto bélico — mas, é sabido que “a história mostra que inovações relacionadas à guerra são inevitavelmente assimiladas na esfera social mais ampla, e o soldado sem sono seria o precursor do trabalhador ou do consumidor sem sono” (CRARY, 2016, p. 13).

Imagens 02 e 03: Dinâmicas de trabalho na Capital do Jeans.

Figures 02 and 03: Work dynamics in the Capital of Jeans.



Fonte: ESTOU (2019).

Source: ESTOU (2019).

Num dos depoimentos gravados para o documentário, uma trabalhadora afirma trabalhar das 5h da manhã até aproximadamente 21h ou 22h, de domingo a domingo - *particularmente* no domingo, dia de feira e da conseqüente venda da produção semanal das facções. Essa é uma jornada de trabalho recorrente, que repete-se com poucas e sutis variações entre os vários entrevistados. O tempo 24/7, “em relação ao trabalho, torna plausível, até normal, a ideia do trabalho sem pausa, sem limites” (ibidem, p. 19). Alguns dos entrevistados apontam as vantagens dessa modalidade: “Tá em casa, né?”. “Eu gosto. Eu sei que quanto mais eu tô trabalhando, mais eu tô ganhando”.

Em um dado momento do filme, acompanhamos um grupo de trabalhadores manipulando as peças de roupa, durante o trabalho, ouvindo e cantando *Vida Loka Parte 1*, música dos Racionais MC's lançada no disco *Nada como um dia após o outro dia* (RACIONAIS, 2002). Em outras cenas, vemos que uns trocam mensagens, outros almoçam e outras ainda maternam e se revezam entre a cozinha e o trabalho com o jeans, sempre no espaço do trabalho, junto às máquinas de costura. Num cenário em que o ganho é relativo à produção e em que o espaço da negatividade, antes reservado à figura do(a) chefe, é cada vez mais diluído pela noção do “trabalhar para você mesmo”, as fronteiras entre trabalho e vida pessoal tornam-se cada vez mais tênues.

Vale destacar que tal modalidade é elogiada pelos trabalhadores da indústria têxtil em Toritama, podendo ser ilustrada por uma das entrevistadas, que relata: “se você fizer 100 bocas de bolso (...) a dez centavos, aí você ganhou 10 reais. Se você fizer mil bocas de bolso num dia, você ganhou 100 reais (...). Se você fez uma braguilha (...), é 20 centavos. Se você fez mil no dia, você ganhou 200 reais (...). A vida da gente não é ruim, não.”.

Léo afirma: “Meu nome é Trabalho e meu apelido é Hora Extra”. Frente às demais (im)possibilidades de trabalho, com mais exploração ou menos remuneração, mostra-se vantajoso “entrar e sair na hora que quer” em jornadas de trabalho que sobrepõem e tornam quase indistintas o trabalho doméstico não remunerado (cuidado da casa e dos filhos), o trabalho remunerado e o lazer fora dos limites de Toritama. Afinal, e conforme é relatado, Toritama é trabalho, e “pra se divertir tem que sair daqui”. Mesmo a calçada, tradicionalmente um espaço reservado ao devaneio, típico local para se *ver o tempo passar*, hoje torna-se oficina de trabalho dos operários das mais variadas idades, especialmente para a limpeza dos jeans, última etapa da produção. Jogar tempo ou conversa fora já não fazem mais sentido nas dinâmicas trabalhistas contemporâneas, tornou-se expressão ultrapassadas. Passa-se o tempo trabalhando.

Toritama é também apelidada por um dos seus moradores de Nova São Paulo, em alusão ao historicamente recorrente destino escolhido pelos nordestinos para a ocupação de postos de trabalho. “Aqui eu ganho mais do que trabalhando de carteira assinada. De carteira assinada o salário é aquela mesma coisa, chova ou faça sol. E aqui não, nosso salário quem diz é a gente” e “A gente entre e sai na hora que quer” são algumas das vantagens apontadas pelos entrevistados. Já outro pondera: “Em compensação você não tem seus direitos trabalhistas”. Todos esses relatos dão a ver o quão “a ilusão de escolha e autonomia é um dos pilares do sistema global de autorregulação” (CRARY, 2016, p. 55).

Quando chega o Carnaval

Apesar de toda a efervescência econômica da cidade, Toritama transforma-se numa espécie de cidade-fantasma durante o Carnaval, período em que grande parte dos moradores vão se divertir e relaxar nas praias, deixando para trás a cidade quase deserta. A equipe do documentário

opta por permanecer lá, registrando a agora “vazia” e silenciosa cidade do trabalho, enquanto que reserva ao Léo e sua família a tarefa de filmar as imagens do descanso, na cidade litorânea de Maragogi/AL, a quase 200km de distância da Capital do Jeans.

As imagens captadas mostram Léo e sua família pescando, curtindo o mar, descansando, bebendo, ouvindo música e participando dos bloquinhos. Dentre todas as cenas, é particularmente potente a imagem de um dos senhores filmados por Léo relaxando na rede, especialmente quando sabemos que “uma das formas de incapacitação em ambientes 24/7 é a perda da capacidade de sonhar acordado ou de qualquer tipo de introspecção distraída que costumava ocorrer nos interregnos de horas lentas ou vazias.” (CRARY, 2016, p. 97), nos destituindo da possibilidade de um “simples” devanear, de *olhar* o tempo.

Ainda, sabendo do aspecto simbólico e ritualístico que o Carnaval historicamente carrega, com ênfase na sua manifestação brasileira, torna-se especialmente subversiva ser exatamente essa festa a escolhida para uma fuga espacial e simbólica dos trabalhadores de Toritama ao se dirigirem do interior para o litoral. Jonathan Crary (2016, p.22) aponta: “A força homogeneizadora do capitalismo é incompatível com qualquer estrutura inerente de diferenciação: sagrado-profano, carnaval-dia útil, natureza-cultura, máquina organismo e por aí vai”. Essa concepção parece dialogar com a visão que Luiz Simas expressa nas crônicas que compõem o seu *Corpo encantado das ruas* (2020), quando diz:

O carnaval é perigoso. O controle dos corpos sempre foi parte do projeto de desqualificação das camadas historicamente subalternizadas como produtoras de cultura. Esse projeto de desqualificação da cultura é base da repressão dos elementos lúdicos e sagrados do cotidiano dos pobres, dos descendentes dos escravizados e de todos que resistem ao confinamento dos corpos e criam potências de vida. O corpo carnavalizado, sambado, disfarçado, revelado, suado, sapateado, sincopado, dono de si, é aquele que escapa, subindo no salto da passista, ao confinamento da existência como projeto de desencanto e mera espera da morte certa. O carnaval é o duelo entre o corpo e a morte. (SIMAS, 2020, p. 110).

No Carnaval, as cidades resistem e, nesse movimento, tornam-se espaço de disputa e invenção de diferentes maneiras de existir e ocupar o mundo, em que não há espaço para uma “lógica empresarial e evangelizadora” (ibidem, p. 122) — a não ser ironicamente, quando a serviço da paródia e do riso, vide as onipresentes fantasias de políticos ou empresários nos desfiles das escolas de samba e nos bloquinhos dos carnavais de rua brasileiros. Logo, o Carnaval apresenta-se como espaço para o encantamento e para a afirmação da vida, ao virar pelo avesso as lógicas empresariais de progresso, ao subverter e desestabilizar as dinâmicas utilitárias e produtivistas, apresentadas como únicos caminhos possíveis, únicas maneiras de ser no mundo. (SIMAS; RUFINO, 2020).

Carnavalizar para adiar o fim do mundo: algumas considerações finais

Ainda sobre a *Sociedade do cansaço*, é então com liberdade que ensaio do Han termina, numa bela reflexão acerca da importância dos rituais e da festa, espaços em que “ao invés de produzir, a gente gasta” (HAN, 2017, 126). Por outro lado, o tempo da festa e do ritual, diferente daquele sequencial e linear do trabalho, é o “tempo que não passa” (ibidem, p. 110), um tempo dilatado, que dura. É contrário ao tempo do trabalho, que não admite qualquer tipo de prazer que

não esteja submetido ao lucro. Neste último, no tempo “especialista em criar ausências” (KRENAK, 2019, p. 26), prega-se o fim do mundo como o único caminho possível para a humanidade, inclusive fazendo *coincidir* o fim do mundo com o fim da humanidade, duas elaborações completamente distintas, numa visão que espelha e evidencia o olhar antropocêntrico que temos do mundo. Celebrar, dançar e cantar, mostram-se, portanto, como modos de adiar o fim do mundo. Um Carnaval por vez.

Levanto o exposto em conta, torna-se especialmente representativa a imagem da máquina de costura à venda, na calçada, antes do Carnaval chegar. Um dos grandes símbolos do trabalho na indústria têxtil, a movedora da economia de Toritama, é enquadrado sendo vendido às vésperas do Carnaval supostamente para financiar a celebração carnavalesca de um de seus moradores, aguardada válvula de escape das trabalhadoras e trabalhadores da cidade. Nos vemos diante de um *frame* que condensa em si múltiplas temporalidades: o tempo do trabalho que ficou para trás, a atual preparação para a festa e a aguardada alegria e entrega por vir. Passado, presente e futuro sobrepostos, coexistindo.

Imagem 04: Máquina de costura à venda numa avenida de Toritama, antes do Carnaval chegar.
Figure 04: Sewing machine for sale on an avenue in Toritama, before Carnival arrives.



Fonte: ESTOU (2019)
Source: ESTOU (2019).

Uma imagem que dura, um verdadeiro mergulho no tempo — em especial, no tempo não-cronológico das experiências (BERGSON, 1999; DELEUZE, 2012), no tempo que não responde à linearidade progressista, sendo marcado pela circularidade da existência (SIMAS; RUFFINO, 2020). Entretempos que proporcionam experiências sensíveis de duração (AUTOR, 2018) que possibilitam uma semana durar uma vida e um ano passar com um estalar de dedos.

Temporalidade por meio da qual minutos frente à máquina de costura podem durar um instante ou uma eternidade, assim como horas no bloquinho podem derramar-se fluida e rapidamente. O próprio diretor do longa assume a importância da questão do tempo em sua obra fílmica. Em entrevista concedida à Revista Trip, ele comenta: “Quando você passa quatro dias brincando Carnaval, o tempo voa. Você passa quatro dias trabalhando, esse tempo parece que não acaba nunca. Essa é a questão do tempo” (ANIC, 2019).

Nos resta o olhar crítico para enxergar a diferença entre celebração e desaceleração (HAN, 2017). Posto que, ao fim e ao cabo, a pausa e o sono, na lógica do trabalho, servem de

maneira intencional para a desaceleração do corpo e da mente visando uma sequente maior produtividade no espaço de trabalho. Ao mesmo tempo, sabemos que a celebração contida na “festa em tempos de crise é mais necessária que nunca. A gente não brinca (...) e festeja porque a vida é mole; a turma faz isso porque a vida é dura. Sem o repouso nas alegrias, cá pra nós, ninguém segura o rojão.” (SIMAS, 2020, p. 111). E, no contexto em que vivemos, certamente muitos de nós não veem a hora do próximo Carnaval — com tudo o que ele cura, carrega e representa — chegar.

*Pode acabar-se o mundo
Vou brincar carnaval
— A Bagaceira (Siba)*

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ANIC, Luara. Meu nome é trabalho. *Revista Trip*, São Paulo, 11 jul. 2019. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-diretor-marcelo-gomes-fala-sobre-o-documentario-estou-me-guardando-para-quando-o-carnaval-chegar>. Acesso em: 24 abr. 2021.
- ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- AUTOR, 2018.
- AUTOR, 2018.
- BAUMAN, Zygmunt; LYON, David. A vigilância líquida como pós-pan-óptico. In: *Vigilância Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BEZERRA, Josenildo. *Habitar a ciência, transgredir verdades, interdisciplinarizar saberes*. Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar. Mossoró, v. 5, n.13, 2019.
- BRUNO, Fernanda. *Máquinas de ver, modos de ser*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- BUAQUE, Chico; BETHANIA, Maria; LEÃO, Nara. *Quando o carnaval chegar*. São Paulo: Universal Music, 1972.
- COUTO, José. O ouro do tempo. *IMS: Blog do Cinema*. São Paulo, 11 de jul. 2019. Disponível em: <https://ims.com.br/blog-do-cinema/o-ouro-do-tempo/>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo Tardio e os Fins do Sono*. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. In: _____. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- ESTOU me guardando para quando o carnaval chegar. Direção: Marcelo Gomes. Produção: Nara Aragão, João Vieira Jr. Recife: Carnaval Filmes, 2019. (86 min).
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- RACIONAIS MC's. *Nada como um dia após o outro dia, Vol. 1 & 2*. São Paulo: Boogie Night, 2002.

Disponível em: https://open.spotify.com/album/4HcPzKyKVtcZCwJgesoZWn?si=gDuiWOaj TjWY-veTJ_YkK-Q. Acesso em: 25 abr. 2021.

SEBRAE. *Estudo Econômico das Indústrias de Confecções de Toritama/PE*. Recife, abril/2019.

SIBILIA, Paula. Você é o que o Google diz que você é. In: BRUNO [et al.]. *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio. *Almanaque Brasilidades: o inventário do Brasil popular*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020a.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020b

Recebido: 10/05/2021

Aceito: 19/07/2021